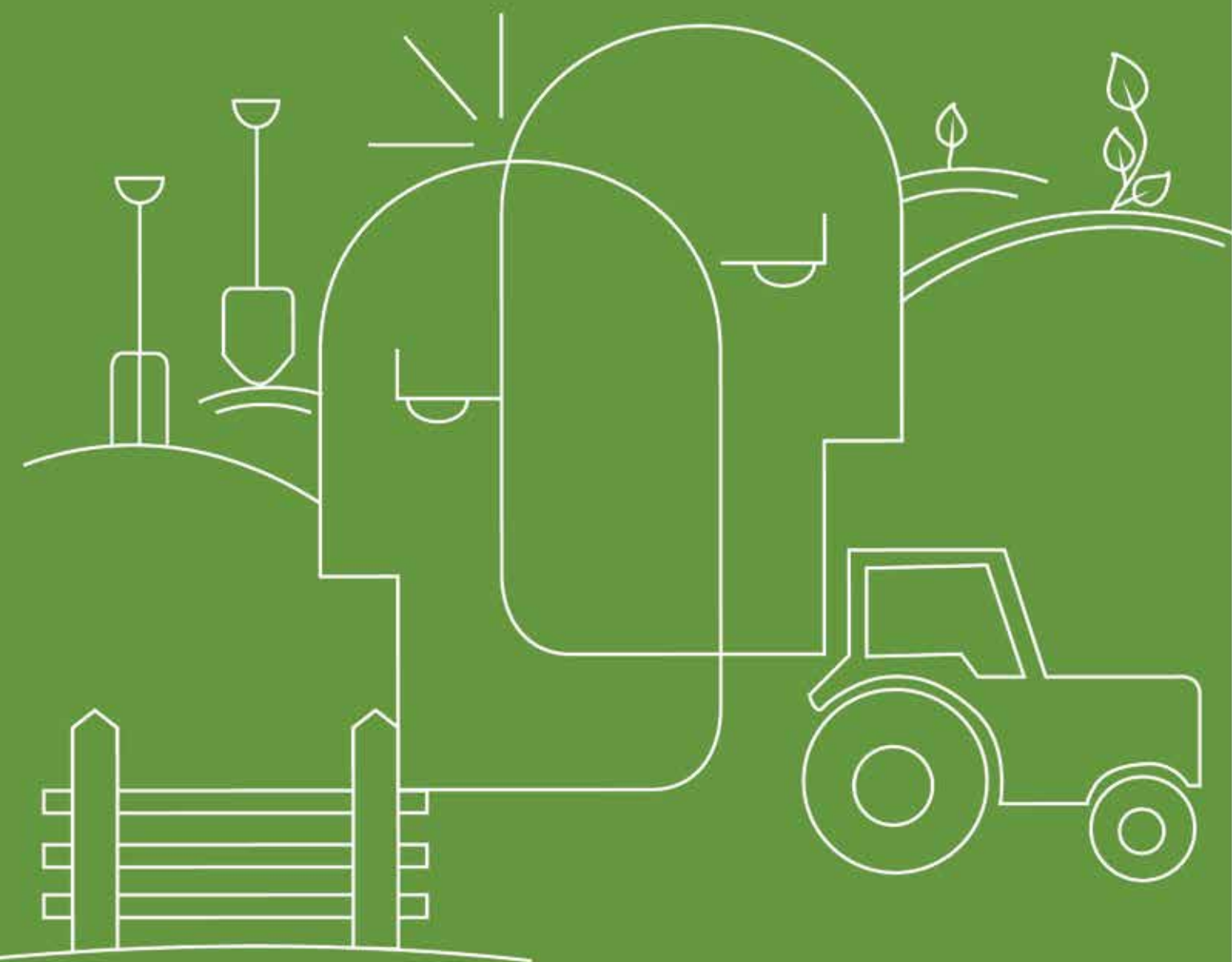


PRODUTORES RURAIS NO BRASIL – 2001 A 2014

Série Estudos e Pesquisas



Sebrae
Brasília-DF
2016





**PRODUTORES RURAIS
NO BRASIL – 2001 A 2014**

© 2016. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Informações e contatos

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Unidade de Gestão Estratégica

SGAS 605 – Conjunto A – CEP: 70200-904 – Brasília/DF

Telefone: (61) 3348-7180

www.sebrae.com.br

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional

Robson Braga de Andrade

Diretor-Presidente

Guilherme Afif Domingos

Diretora-Técnica

Heloisa Regina Guimarães de Menezes

Diretor de Administração e Finanças

Vinicius Lages

Unidade de Gestão Estratégica

Gerente

Pio Cortizo

Gerente Adjunta

Elizis Maria de Faria

Equipe Técnica

Marco Aurélio Bedê (Coordenação)

Helbert Danilo Freitas de Sá

Karina Santos de Souza

Série Empreendedores Brasileiros

Anuário da Mulher

Anuário do Trabalho nas MPE

Os Donos de Negócio no Brasil

- Empresários, potenciais empresários e produtores rurais
- Análise por faixa etária, sexo, raça/cor

Pesquisa GEM

Unidade de Comunicação

Gerente

Fernando Bandeira

Gerente Adjunto

Daniel Lanski

Núcleo de Editoração

Rosana C. Figueiredo

Revisão Ortográfica

Discovery – Formação Profissional Ltda – ME.

Diagramação

IComunicação

D687e

Produtores Rurais no Brasil 2001 a 2014 / Marco Aurélio Bedê (Coordenador) –

Brasília : Sebrae, 2016.

34 p. il.

(Série Estudos e Pesquisas)

ISBN

1. Análise de mercado 2. Empreendedorismo I. Sebrae. II. Bedê, Marco Aurélio (coord.) III. Título

CDU – 339.17

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1 – DEFINIÇÕES BÁSICAS.....	8
2 – EVOLUÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS (2001 A 2014).....	9
2.1 – Evolução do número de produtores rurais	9
2.2 – Tipos de ocupação	10
2.3 – Posição no domicílio	11
2.4 – Sexo.....	12
2.5 – Escolaridade.....	13
2.6 – Faixa etária	15
2.7 – Rendimento médio mensal.....	16
2.8 – Idade em que começou a trabalhar	18
2.9 – Tempo no trabalho atual.....	19
2.10 – Carga de trabalho semanal.....	21
2.11 – Recursos de telefonia	22
2.12 – Recursos de informática.....	24
2.13 – Previdência Social	25
2.14 – Local de trabalho	26
2.15 – Segmentos de atividade.....	27
2.16 – Distribuição por regiões e UF.....	28
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	31



INTRODUÇÃO

há três anos, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) deu início a uma nova série de estudos intitulada “Os Donos de Negócio no Brasil”. Esta série tem como objetivo identificar o perfil dos indivíduos que estão à frente de um negócio. A cada ano que passa, esta série apresenta algum tipo de aperfeiçoamento, como, por exemplo, a ampliação dos cortes de análise (por exemplo, análise por sexo, raça/cor, faixa etária, tipo de cliente, grau de escolaridade, grau de informatização, empresários da indústria, comércio, serviços e construção etc.).

Este relatório é o primeiro a se dedicar exclusivamente ao produtor rural, um dos segmentos de clientes do Sebrae com maior carência de estudos. Outro aspecto inédito deste trabalho é que os dados compreendem todos os anos do período 2001-2014, anos em que foi realizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), exceto 2010, ano em que foi feito Censo.

Assim, além de dar maior ênfase ao segmento específico dos produtores rurais, foi possível analisar a evolução do perfil destes indivíduos por um período de 14 anos.

No primeiro capítulo deste relatório, são apresentadas algumas definições básicas utilizadas no trabalho. Ali, são expostas as definições de público-alvo do Sebrae e as categorias de ocupação do IBGE sobre os indivíduos que têm negócio próprio no país.

No capítulo 2, são apresentadas as informações sobre os produtores rurais disponibilizadas pela Pnad entre 2001 e 2014. São analisadas as evoluções das seguintes informações: quantificação do segmento de clientes, tipo de ocupação, posição no domicílio, sexo, escolaridade, faixa etária, rendimento médio mensal, idade em que começou a trabalhar, tempo no trabalho atual, carga de trabalho semanal, recursos de telefonia e informática, acesso à Previdência Social, local de trabalho, segmento de atividade, distribuição por regiões do país e por Unidade da Federação (UF).

O último capítulo é reservado às considerações finais.

1 – DEFINIÇÕES BÁSICAS

De acordo com o Sebrae,¹ o público-alvo da instituição é composto de:

- Empresas (Microempreendedor Individual, Microempresa, Empresa de Pequeno Porte e produtor rural);
- Potenciais empresários – com ou sem negócio próprio;
- Potenciais empreendedores.

Por sua vez, de acordo com a Pnad, os indivíduos que são donos de negócios podem ser identificados em duas das categorias de análise, no âmbito dos estudos sobre o mercado de trabalho, quais sejam:

- O conta própria – pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado e contando ou não com a ajuda de trabalhador não remunerado;
- O empregador – pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento com, pelo menos, um empregado assalariado.

Considerando que 99% dos empreendimentos brasileiros são de micro e pequeno porte,² a soma dos empregadores e dos conta própria da Pnad pode ser avaliada como uma boa representação do conjunto de indivíduos que são donos de negócios no país.

Dado que a Pnad permite identificar se os negócios dos empregadores e os conta própria possuem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), assim como os setores em que atuam, é possível analisar o conjunto de donos de negócios existentes no país, a partir de três categorias:

- Empresários – donos de negócios com CNPJ;
- Potenciais empresários com negócios – donos de negócios sem CNPJ;
- Produtores rurais – com ou sem CNPJ.

A opção por tratar os produtores rurais em categoria isolada, neste relatório, deve-se ao fato de que o exercício desta atividade não exige o registro CNPJ.

Este relatório tem como propósito analisar especificamente a evolução do perfil dos produtores rurais com base, principalmente, nas informações das Pnad realizadas pelo IBGE, entre os anos de 2001 e 2014.

1 SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Plano Plurianual 2013/2016**: cenário de atuação do Sistema Sebrae. Brasília: Sebrae, 2012a.
SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Diretrizes para a elaboração do Plano Plurianual 2013/2016 e Orçamento 2013**. Brasília: Sebrae, 2012b.

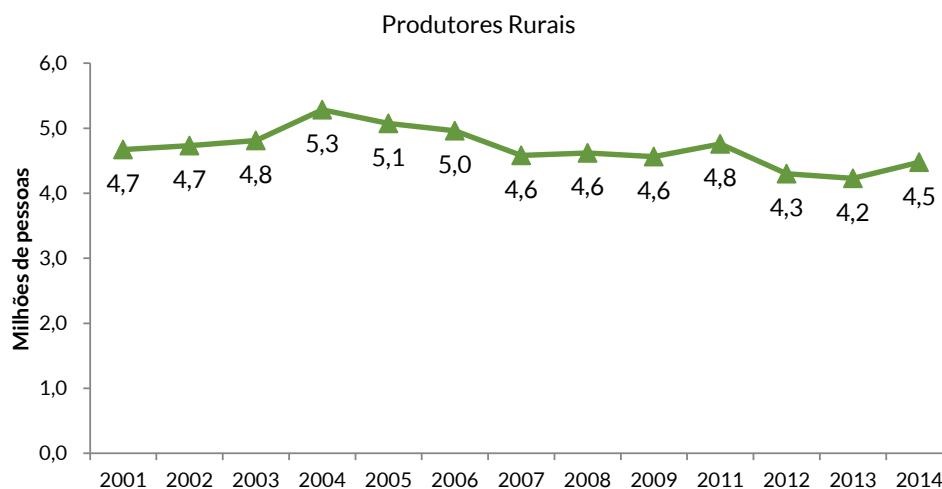
2 SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS; DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2014**. São Paulo: Sebrae SP; Dieese, 2014.

2 – EVOLUÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS (2001 A 2014)

2.1 – Evolução do número de produtores rurais

De acordo com o IBGE, entre 2001 e 2014, o número de produtores rurais no país caiu 4%, passando de 4,7 milhões para 4,5 milhões de pessoas (gráfico 1). Para efeito de comparação, no mesmo período, o número total de donos de negócio³ cresceu 22%, passando de 20,4 para 24,9 milhões de pessoas (fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE).

Gráfico 1 – Evolução do número de produtores rurais no Brasil (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Em parte, a queda do número total de produtores rurais está associada ao movimento histórico de êxodo rural (a busca por melhores condições de vida nas cidades)^{4,5} e à modernização do campo. Por exemplo, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea),⁶ a redução da população rural nos últimos anos deve-se às inovações tecnológicas ocorridas nos sistemas de produção, na introdução de novos produtos e nas mudanças na política trabalhista brasileira. Entre as inovações adotadas nos últimos anos, Guanzirolí et al. (2012) destacam, por exemplo, o uso mais intenso de energia elétrica e a mecanização, em substituição à tração manual.⁷ Matos e Pessôa (2011), por sua vez, destacam

3 Soma de empregadores e conta própria (inclui empresários, potenciais empresários e produtores rurais).

4 ALVES, E. et al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. *Revista de Política Agrícola*, ano 20, n. 81, 2011.

5 CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização do Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: Ipea, 1999. (Texto para Discussão, n. 621).

6 VIEIRA FILHO, J.; GASQUES, J.; SOUSA, A. **Agricultura e crescimento**: cenários e projeções. Brasília: Ipea, 2011. (Texto para Discussão, n. 1642).

7 Na comparação dos dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 1996, verifica-se que, na última década para a qual existem dados, “os maiores avanços se deram no uso de energia elétrica, que foi realmente muito impulsionado pelo programa Luz para Todos, sobretudo no Nordeste, e na adoção de tração mecanizada vis-à-vis a tração manual. Esta tecnologia foi incentivada pelo Moderfrota do BNDES e pelo próprio Pronaf”. GUANZIROLI, C. E.; BUAINAINII, A. M.; SABBATO, A. D. Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: (1996 e 2006). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 50, n. 2, 2012.

a mecanização da produção, a consolidação de complexos agroindustriais, a ampliação das culturas de exportação, as políticas de crédito e o avanço da biotecnologia e dos produtos transgênicos.⁸

2.2 – Tipos de ocupação

Conforme consta na tabela 1, quando são cruzadas as informações sobre o tipo de ocupação no mercado de trabalho, verifica-se que, de 2009 a 2014, a queda do número de produtores rurais foi puxada pela parcela destes que trabalha como empregador.

Entre 2009 e 2014, o número de produtores rurais que são empregadores caiu de 447 mil para 269 mil (queda de 40%, contra uma queda de 4% no total dos produtores rurais). Por sua vez, os produtores rurais que são conta própria passaram de 4,1 milhões para 4,2 milhões de pessoas. Assim, a participação relativa dos conta própria passou de 90% para 94% do total de produtores rurais.

Tabela 1 – Evolução do número de produtores rurais por tipo de ocupação (2009 a 2014)

	Distribuição por tipo de ocupação (100% na coluna)				Total	
	Conta própria	%	Empregador	%		
2009	4.116.584	90%	446.698	10%	4.563.282	100%
2011	4.405.354	93%	351.833	7%	4.757.187	100%
2012	3.980.860	93%	317.674	7%	4.298.534	100%
2013	3.961.704	94%	267.451	6%	4.229.155	100%
2014	4.208.940	94%	268.533	6%	4.477.473	100%

Fonte: Pnad 2009 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Vale lembrar que os empreendimentos de “uma pessoa só” (tocados por conta própria), em média, apresentam uma precariedade de trabalho maior do que a dos empregadores, por exemplo, em termos de estrutura operacional, uma vez que o negócio depende quase que exclusivamente do dono.⁹ Assim, em que pese uma eventual modernização ocorrida no campo, citada pela literatura, aparentemente, foi acompanhada pela concentração da atividade agropecuária em um número menor de empregadores e um aumento do grupo de produtores rurais que apresenta maior precariedade de trabalho (os conta própria), ampliando as desigualdades.

⁸ MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. *Geo UERJ*, ano 13, v. 2, n. 22, p. 290-322, 2011.

⁹ Empreendimentos tocados por empregadores costumam ter maior grau de complexidade organizacional, já que têm que lidar com maior divisão e organização do trabalho, controle de folha de salários, obrigações trabalhistas e, normalmente, escalas maiores de produção. Embora os conta própria não tenham empregados assalariados, não está descartada a possibilidade de terem membros da família ou amigos que os ajudem no seu negócio. Quando isso ocorre, não há, no entanto, uma relação de assalariamento.

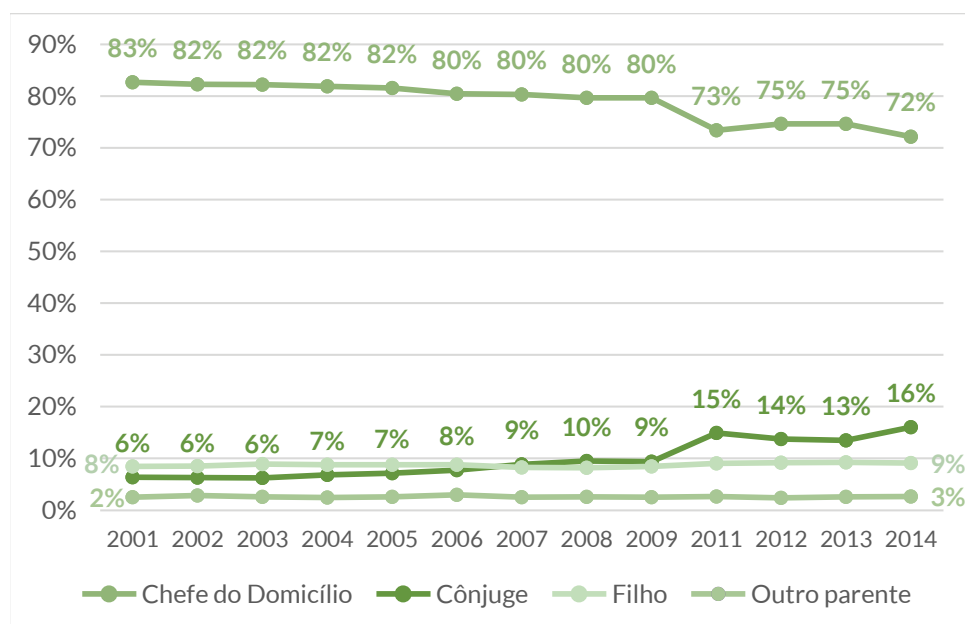
2.3 – Posição no domicílio

Os produtores rurais são predominantemente chefes de domicílio. Em 2014, 72% deles eram chefes de domicílio, 16% eram cônjuges, 9% eram filhos(as) e 3% apresentavam outro tipo de parentesco dentro da sua estrutura familiar (gráfico 2).

Não obstante a predominância de chefes de domicílio, entre 2001 e 2014 houve uma queda da participação relativa destes de 83% para 72% do total dos produtores rurais. No mesmo período, aumentou a participação relativa das demais categorias: os cônjuges passaram de 6% para 16%, os filhos de 8% para 9% e os outros parentes de 2% para 3% do total dos produtores rurais.

Como será apresentado na próxima subseção, o aumento da participação dos cônjuges está relacionado, em parte, ao aumento da participação feminina na condução dos negócios rurais.

Gráfico 2 – Evolução da distribuição dos produtores rurais por posição no domicílio (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

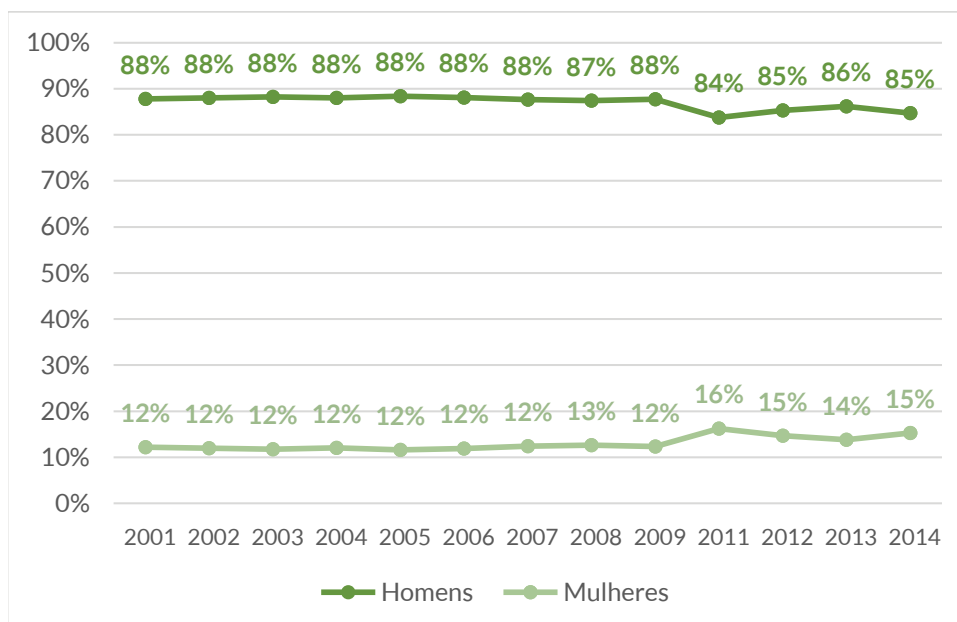
Obs.: Outro parente = outros tipos de parentescos, agregados etc.

2.4 – Sexo

Os produtores rurais são predominantemente homens. Em parte, isso se deve a fatores culturais.¹⁰ Não obstante isso, os dados da Pnad indicam uma tendência de aumento da participação de mulheres no comando dos negócios rurais. Isto é reforçado pela pesquisa da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMRA), que mostra que o número de mulheres no comando das propriedades rurais tem aumentado, acompanhando o movimento mais amplo de aumento da participação da mulher no mercado de trabalho.¹¹

De acordo com o gráfico 3, no grupo dos produtores rurais, entre 2001 e 2014, a participação relativa das mulheres passou de 12% para 15% (acréscimo de 3 pontos percentuais – p.p.), e a dos homens caiu de 88% para 85%. Em que pese o aspecto positivo de que aumentou a participação feminina no total de produtores rurais, esta é a categoria de ocupação em que a participação das mulheres continua sendo uma das mais baixas. Em 2014, a participação delas, por exemplo, chegou a 30% no total dos donos de negócio (empregadores + conta própria), 40% dos empregados com carteira, 60% dos militares e funcionários públicos estatutários e 92% dos trabalhadores domésticos (fonte: Pnad 2014/IBGE).

Gráfico 3 – Evolução da distribuição dos produtores rurais por sexo (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

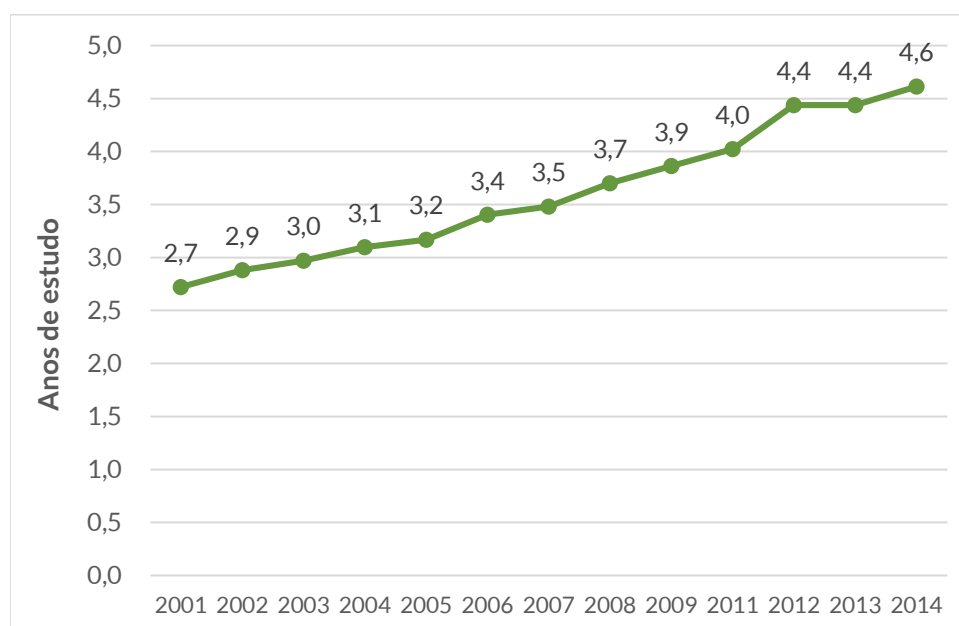
¹⁰ BURDINI FILHO, J. et al. **As novas perspectivas das relações de gênero no meio rural**: o papel feminino em (re)construção. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, [s.d.]. Mimeografado.

¹¹ 6ª Edição da Pesquisa Comportamental e Hábitos de Mídia do Produtor Rural Brasileiro 2013/2014, realizada quadrienalmente pela ABMRA.

2.5 – Escolaridade

Entre 2001 e 2014, o número médio de anos de estudo dos produtores rurais cresceu 69%, passando de 2,7 anos para 4,6 anos de estudo (gráfico 4). Em que pese a evolução positiva deste indicador, esta categoria ainda é uma das que apresentam a menor média de anos de escolaridade. Por exemplo, em 2014, o número médio de anos de estudo dos potenciais empresários foi de 7,6 anos (três anos a mais que os produtores rurais) e o dos empresários foi de 10,7 anos (seis anos a mais que os produtores rurais).¹²

Gráfico 4 – Evolução do número médio de anos de estudo dos produtores rurais no Brasil (2001 e 2014)

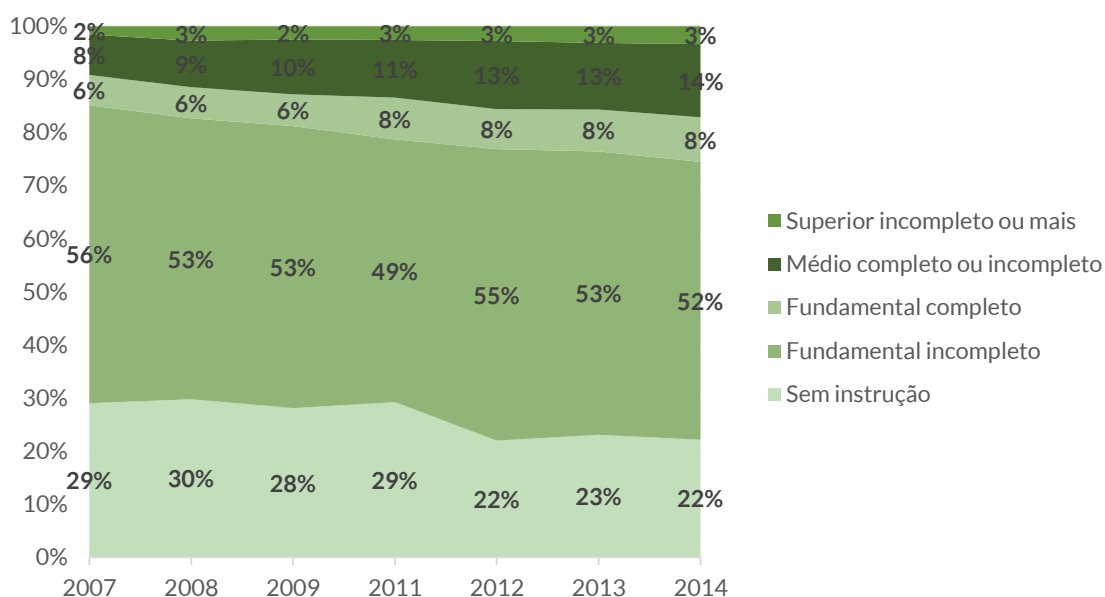


Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Levando-se em conta as faixas de escolaridade (os níveis mais elevados já alcançados), verifica-se que, entre 2007 e 2014, a proporção de produtores rurais com Ensino Superior (completo ou incompleto) passou de 2% para 3% do total, o grupo com Ensino Médio (completo ou incompleto), passou de 8% para 14%, e o grupo com Ensino Fundamental completo passou de 6% para 8%. No sentido inverso, caíram as proporções dos que têm Ensino Fundamental incompleto (de 56% para 52%) e os sem instrução (de 29% para 22%). Apesar da queda destas últimas duas categorias, em conjunto, elas ainda envolvem quase $\frac{3}{4}$ do universo de produtores rurais. A título de comparação, enquanto 74% dos produtores rurais têm, no máximo, o Ensino Fundamental incompleto, 45% dos potenciais empresários e 18% dos empresários estão nesta mesma faixa de escolaridade.

¹² Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Gráfico 5 – Evolução da distribuição dos produtores rurais por grau de escolaridade (2007 a 2014)



Fonte: Pnad 2007 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Na tabela 2, pode-se constatar que há nitidamente dois grupos de produtores rurais distintos, com respeito à escolaridade. Aqueles que trabalham como conta própria são relativamente menos escolarizados, 76% têm no máximo o Ensino Fundamental incompleto. Já no grupo dos empregadores, esta proporção cai para 44%. No outro extremo, 23% dos empregadores têm Ensino Superior (completo ou incompleto), proporção que cai para 2% no caso dos conta própria.

O nível mais baixo de escolaridade dos produtores rurais que são conta própria é uma das dimensões de sua maior precariedade, por exemplo, quando comparado aos produtores rurais que são empregadores.

Tabela 2 – Distribuição dos produtores rurais por grau de escolaridade e tipo de ocupação (2014)

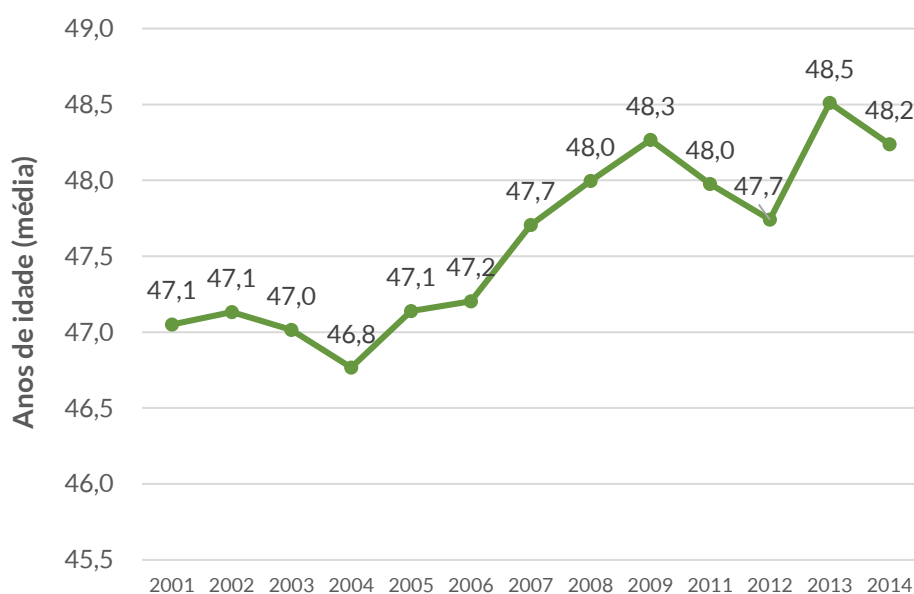
	Produtor rural		
	Conta própria	Empregador	Total
Sem instrução	23%	11%	22%
Fundamental incompleto	53%	33%	52%
Fundamental completo	8%	9%	8%
Médio incompleto	3%	5%	3%
Médio completo	10%	20%	11%
Superior incompleto	1%	4%	1%
Superior completo	1%	19%	2%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pnad 2014/IBGE.

2.6 – Faixa etária

Entre 2001 e 2014, a média de idade dos produtores rurais cresceu 1,1 ano, passando de 47,1 anos para 48,2 anos de idade (gráfico 6).

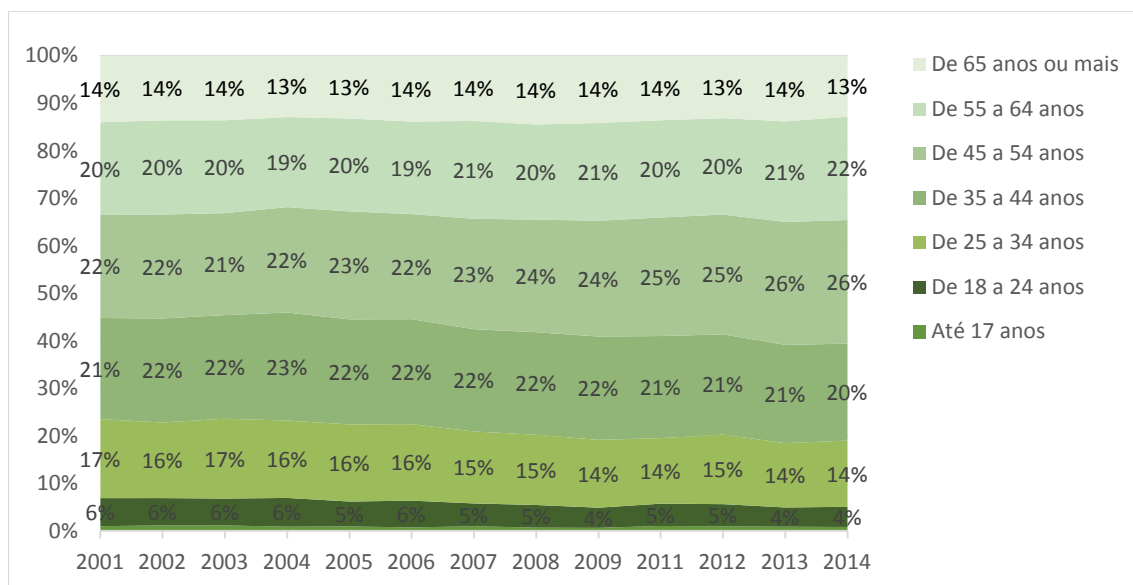
Gráfico 6 – Evolução da média de idade dos produtores rurais (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Em termos comparativos, trata-se do segmento mais velho, entre os segmentos do público do Sebrae. Em 2014, os produtores rurais tinham, em média, 48,2 anos de idade, contra 43,7 anos, no caso dos potenciais empresários, e 44,2 anos, no caso dos empresários.

Levando-se em conta as faixas etárias, verifica-se que, entre 2001 e 2014, apenas as faixas entre “45 e 54 anos” e “55 e 64 anos” apresentaram um aumento de participação relativa (gráfico 7). No conjunto, a participação relativa dessas duas faixas passou de 42% para 48% do total de produtores rurais. Todas as demais faixas etárias tiveram uma redução em termos de participação relativa (exceto a faixa dos que têm até 17 anos, que se manteve estável, em torno de 0,9%, ao longo de todo o período de análise).

Gráfico 7 – Evolução das faixas etárias dos produtores rurais (2001 a 2014)

Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Obs.: A faixa "até 17 anos" apresentou uma participação em média de 0,9%, entre 2001 e 2014.

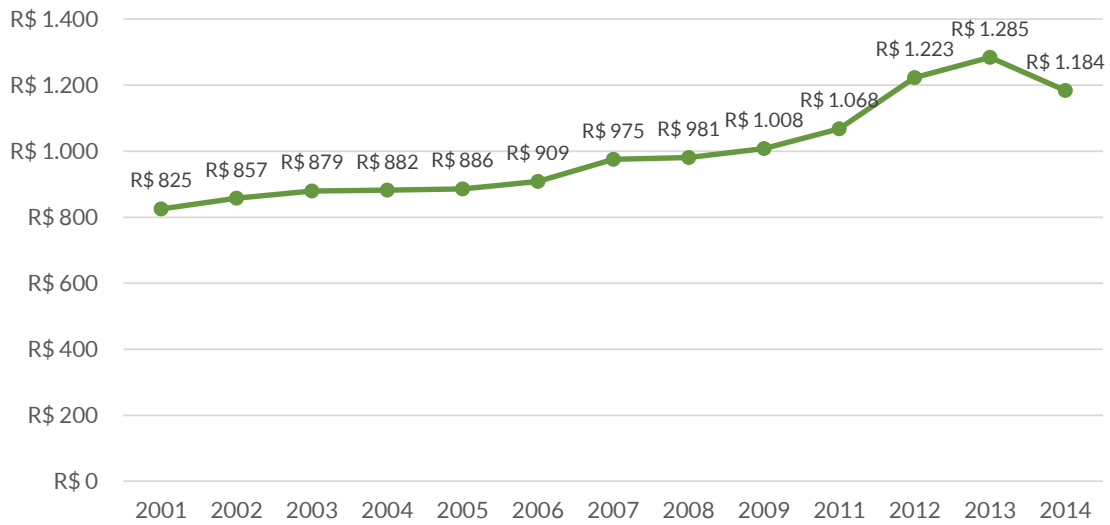
2.7 – Rendimento médio mensal

O rendimento médio mensal dos produtores rurais passou de R\$ 825, em 2001, para R\$ 1.184, em 2014, já descontado o efeito da inflação do período. Uma expansão de 44%, em termos reais (gráfico 8).¹³

Apesar da expansão do rendimento médio real, nesse período, os produtores rurais ainda constituem o segmento do público do Sebrae com o menor rendimento médio. Enquanto a média de rendimento dos produtores rurais foi R\$ 1.184, em 2014, no mesmo ano, os potenciais empresários receberam, em média, R\$ 1.320 (11% a mais) e os empresários R\$ 4.101 (246% a mais). O elevado número de indivíduos que atuam sozinhos e em propriedades rurais relativamente pequenas, próximos dos níveis de subsistência, contribui para explicar o baixo rendimento médio mensal dos produtores rurais.

¹³ Para efeito de comparação, no mesmo período, o rendimento médio real efetivo do conjunto das pessoas ocupadas no país, calculado pelo IBGE, apresentou uma expansão de 130%.

Gráfico 8 – Evolução do rendimento médio real mensal dos produtores rurais (em R\$) (2001 a 2014)



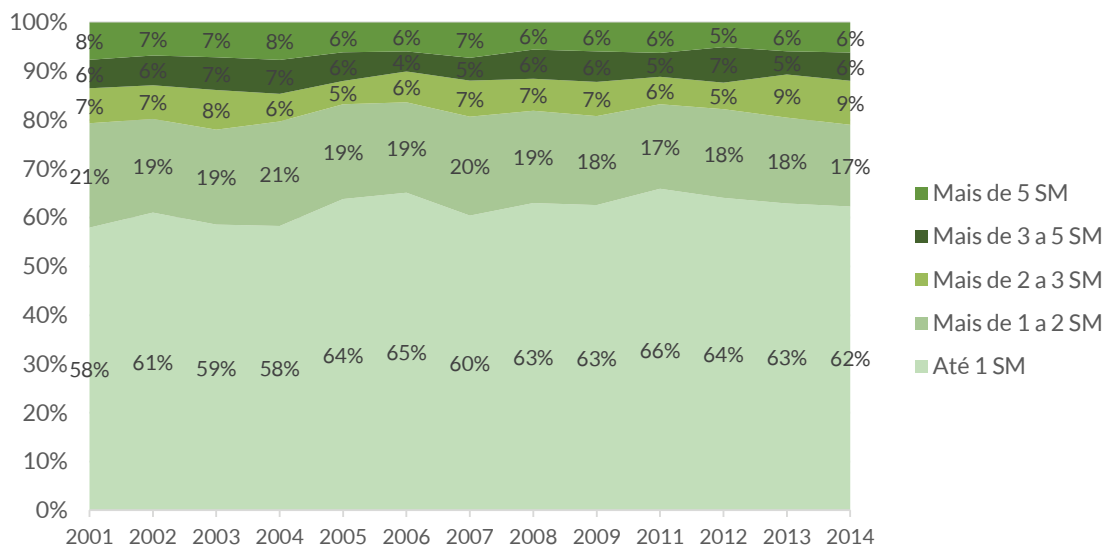
Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Obs.: Exclusivo as pessoas sem declaração, as pessoas sem rendimento ou que receberam somente em benefício. Valores em R\$ constantes de setembro/2014, deflacionados pelo IPCA/IBGE.

Quando consideradas as faixas de rendimento, em termos de salários mínimos (SM), verifica-se que, em 2014, 62% recebiam até 1 SM, 17% mais de 1 SM a 2 SM, 9% mais de 2 SM a 3 SM, 6% mais de 3 SM a 5 SM e 6% mais de 5 SM (gráfico 9).

Entre 2001 e 2014, não houve uma evolução expressiva diferenciada entre as faixas de SM analisadas. A maior parte das faixas manteve-se com sua participação relativamente estável. No caso dos que recebem até 1 SM, houve um pequeno aumento de sua participação, de 58% para 62% do total de produtores rurais. No entanto, deve-se observar que, no mesmo período, o SM teve um aumento real de valor da ordem de 79%, o que dificulta um pouco a análise mais apurada da variável “faixa de salário mínimo”. Mais pessoas passaram a ganhar até 1 SM, porém, este teve um aumento real relativamente alto no período em questão.

Gráfico 9 – Evolução da distribuição do rendimento médio mensal dos produtores rurais, por faixa de salários mínimos (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

2.8 – Idade em que começou a trabalhar

Entre 2001 e 2014, a idade média em que os produtores rurais começaram a trabalhar aumentou um ano, passando de 10,2 anos para 11,2 anos (gráfico 10).

Comparativamente, os produtores rurais constituem o segmento do público do Sebrae que começa a trabalhar mais cedo. Em 2014, enquanto eles começaram a trabalhar, em média com 11,2 anos, os potenciais empresários começaram a trabalhar com 14,3 anos e os empresários com 14,9 anos.

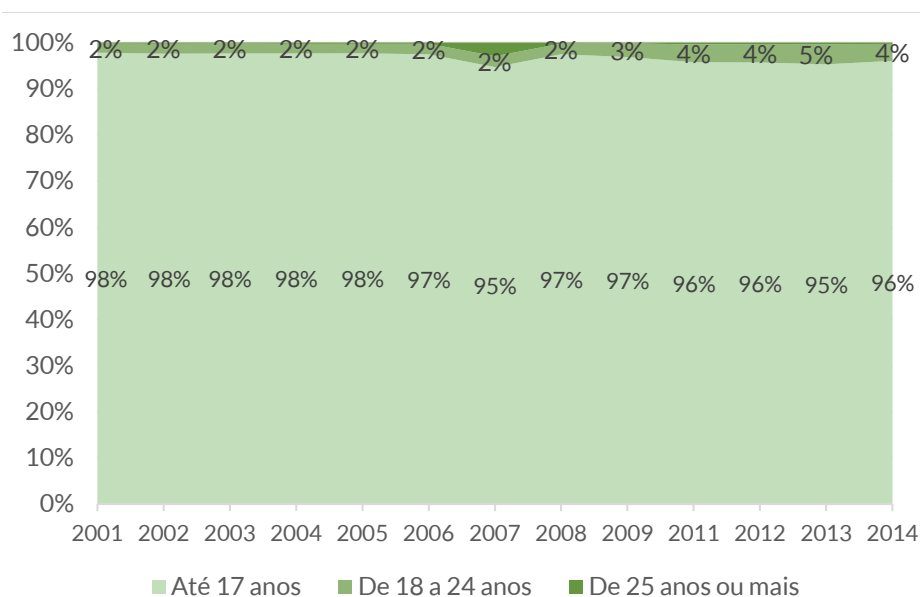
Quando consideradas as faixas etárias em que começaram a trabalhar, verifica-se que a esmagadora maioria dos produtores rurais iniciou sua vida no trabalho muito jovem. Em 2014, 96% começaram a trabalhar até os 17 anos, 3,7% começaram a trabalhar entre 18 e 24 anos e 0,3% com 25 anos ou mais (gráfico 11).

Gráfico 10 – Evolução da idade média em que os produtores rurais começaram a trabalhar (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Gráfico 11 – Evolução da distribuição por faixa de idade em que os produtores rurais começaram a trabalhar (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

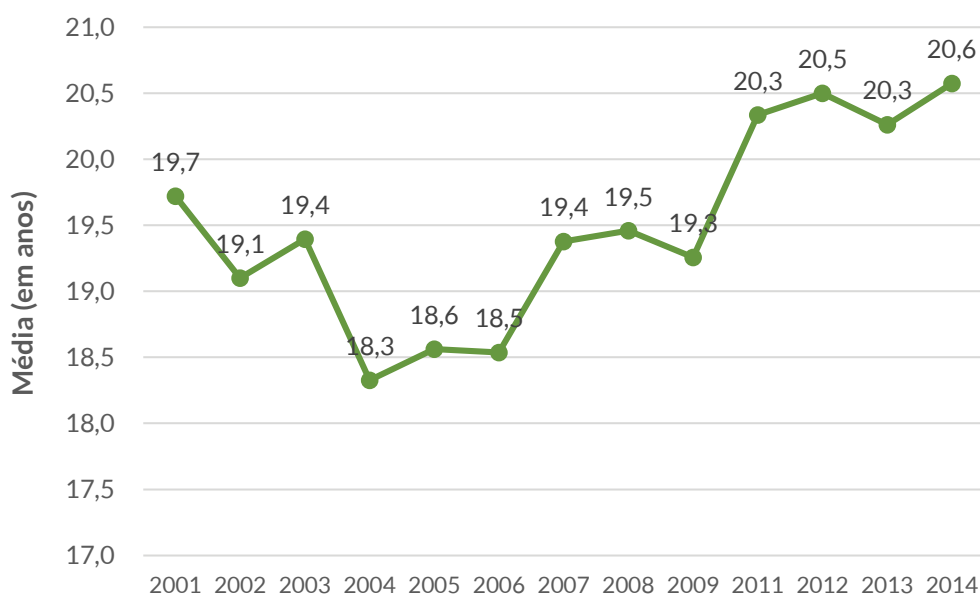
Obs.: Entre 2001 e 2014, os que começaram a trabalhar com 25 anos ou mais ficaram próximos de 0%, na maior parte do período.

2.9 – Tempo no trabalho atual

Entre 2001 e 2014, o tempo médio de atividade dos produtores rurais no trabalho atual passou de 19,7 anos para 20,6 anos (gráfico 12).

Comparativamente, os produtores rurais constituem o segmento do público do Sebrae que está no trabalho atual há mais tempo. Em 2014, em média os produtores rurais tinham 20,6 anos no trabalho atual, os potenciais empresários 10,7 anos e os empresários 11,6 anos.

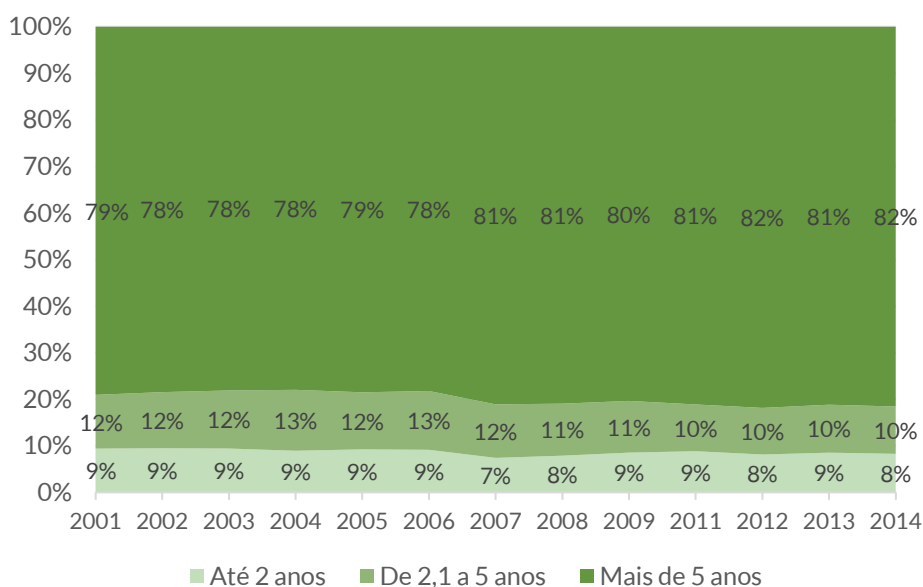
Gráfico 12 – Evolução do tempo médio dos produtores rurais na atividade atual (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

A maioria dos produtores rurais está há muito tempo trabalhando na atividade atual. Em 2014, 82% estavam no trabalho atual há mais de 5 anos, 10% de 2,1 a 5 anos e apenas 8% estavam na atividade atual há até 2 anos (gráfico 13). O maior tempo no trabalho atual, por um lado, pode ser considerado positivo, particularmente para os que têm maior escolaridade e renda (os empregadores), sob o ponto de vista de que seu negócio já passou pelas fases iniciais, em geral as mais difíceis. Outro aspecto associado ao número de anos de trabalho em uma mesma atividade é a maior experiência obtida nela. Supõe-se que o maior número de anos na mesma atividade tende a conferir experiência ao dono do negócio. No entanto, por outro lado, como há alta proporção de produtores rurais em condições de trabalho mais precário (por exemplo, conta própria com baixa escala de produção, baixa escolaridade, baixo rendimento etc.), o tempo mais elevado no trabalho atual pode ser também um reflexo da dificuldade de estes indivíduos superarem estas condições mais precárias de trabalho.

Gráfico 13 – Evolução da distribuição dos produtores rurais por tempo no trabalho atual (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

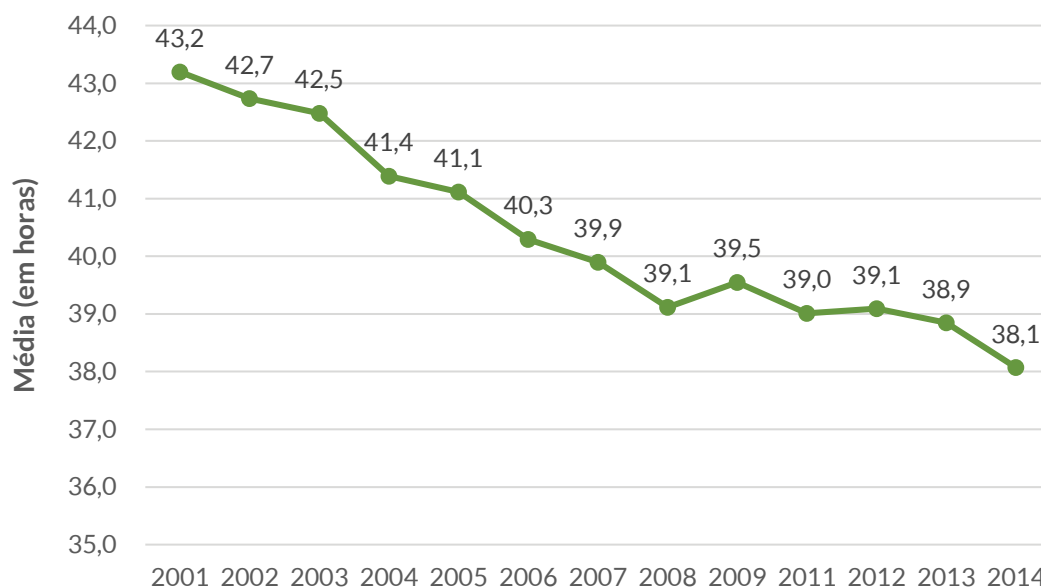
A maior proporção de produtores rurais com mais de cinco anos de atividade parece estar associada à grande proporção de pessoas mais velhas, à elevada proporção de pessoas que começaram a trabalhar muito cedo e às questões culturais, uma vez que parte dos que ingressam no ramo agropecuário advém de famílias que já atuam no setor.

2.10 – Carga de trabalho semanal

Entre 2001 e 2014, o número médio de horas trabalhadas na semana pelos produtores rurais caiu 11%, passando de 43,2 horas para 38,1 horas (queda de 5,1 horas) por semana (gráfico 14).

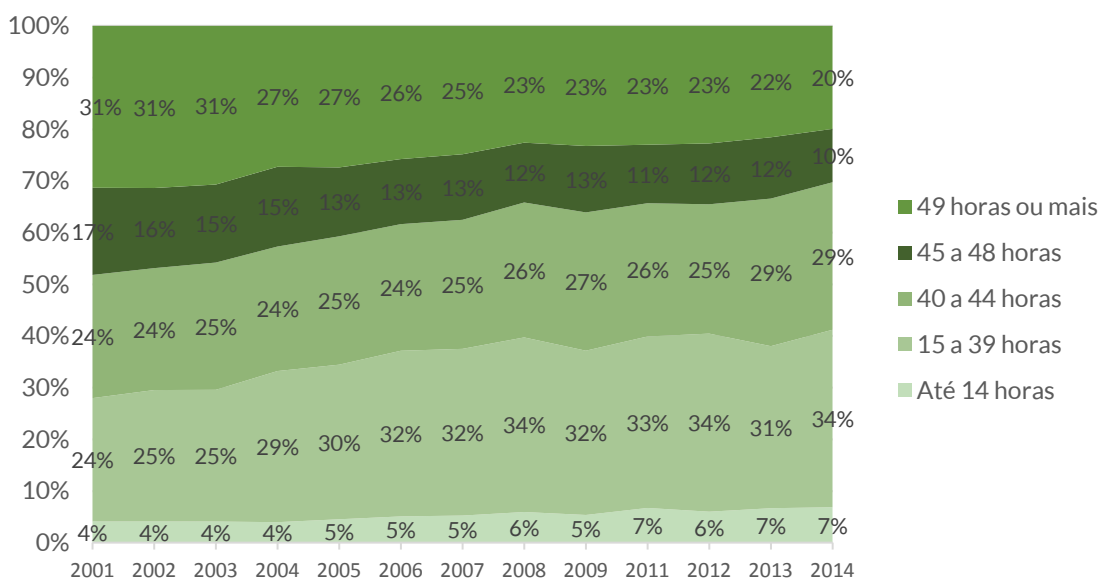
Em parte, essa queda do número de horas de trabalho semanais pode estar associada à modernização do campo. Ela foi puxada pela forte queda da proporção de produtores rurais que trabalham na faixa de “45 a 48 horas” por semana, que saiu de 17% para 10% dos produtores rurais, e os que trabalham na faixa “49 horas ou mais”, que passou de 31% para 20% dos produtores rurais (gráfico 15).

Gráfico 14 – Evolução das horas trabalhadas por semana pelos produtores rurais (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Gráfico 15 – Evolução da distribuição da carga de trabalho semanal dos produtores rurais por faixa de horas (2001 a 2014)



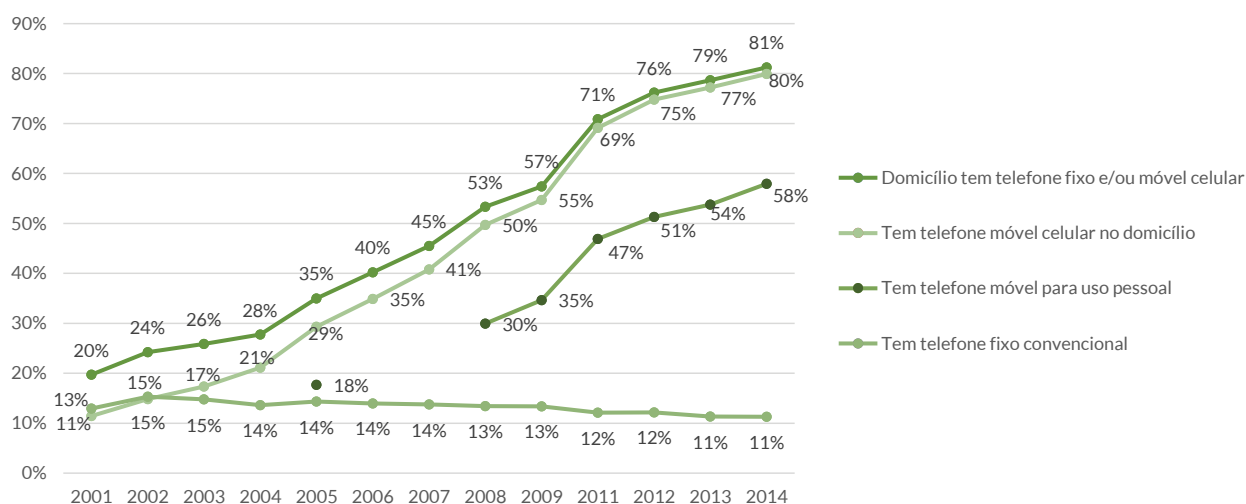
Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

2.11 – Recursos de telefonia

Entre 2001 e 2014, cresceu bastante a proporção de produtores rurais com acesso aos recursos de telefonia (gráfico 16). Este acesso, no entanto, é relativo, pois embora tenha aumentado a disponibilidade dos equipamentos nos domicílios dessas pessoas, o uso pessoal de celulares, por exemplo, apresentou uma evolução mais modesta.

A proporção de domicílios dos produtores rurais com telefone fixo e/ou celular passou de 20% para 81%, entre 2001 e 2014. No mesmo período, considerando apenas o celular, a proporção dos domicílios passou de 11% para 80%. Porém, a proporção de produtores rurais com telefone celular para uso pessoal chegou a apenas 58% em 2014; percentual, portanto, bem inferior à disponibilidade do equipamento na residência. No sentido inverso, caiu a proporção de domicílios com telefones fixos, passando de 13%, em 2001, para apenas 11%, em 2014. A queda da proporção de pessoas com telefone fixo é uma tendência mais ampla da sociedade, por conta das vantagens e dos avanços da telefonia celular no país (por exemplo, serviços mais modernos, ampliação de cobertura etc.). Porém, em relação aos demais segmentos do público do Sebrae, o patamar inicial de uso de equipamentos de telefonia fixa é muito mais baixo no segmento dos produtores rurais.

Gráfico 16 – Evolução da proporção de produtores rurais com recursos de telefonia, apenas quem possui (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

Tabela 3 – Uso de recursos de telefonia, apenas quem possui (2014)

	Empresário	Potencial empresários	Produtores rurais
Domicílio tem telefone fixo e/ou móvel celular	100%	96%	81%
Tem telefone móvel celular no domicílio	99%	95%	80%
Tem telefone móvel para uso pessoal	96%	86%	58%
Tem telefone fixo convencional	65%	36%	11%

Fonte: Pnad 2014/IBGE.

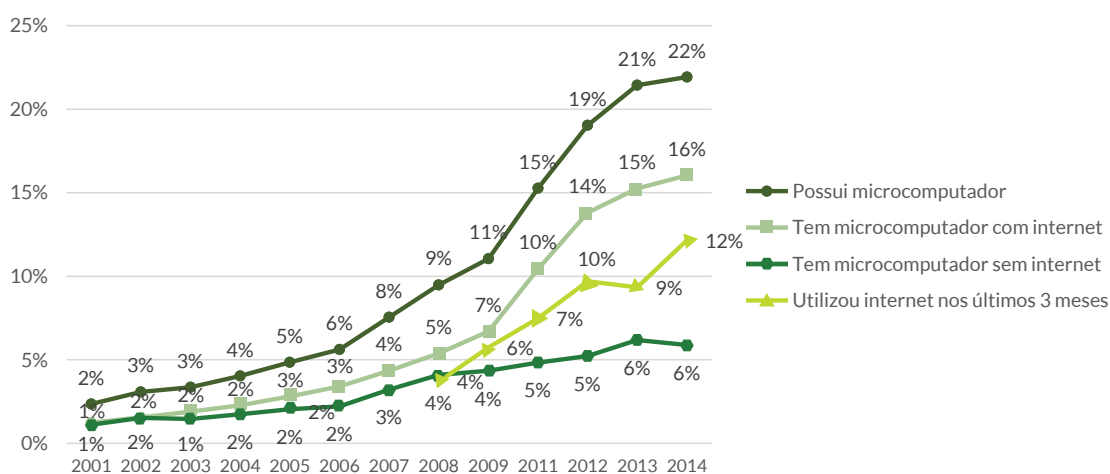
Em que pese a evolução positiva da telefonia móvel, os produtores rurais continuam sendo o segmento do público do Sebrae com menos acesso aos recursos de telefonia.

Como exposto na tabela 3, a proporção de produtores rurais que possui os itens de telefonia aqui analisados é sempre inferior à encontrada nos demais segmentos. Assim, por exemplo, em 2014, 81% tinham telefone fixo e/ou celular no domicílio. Esse número chegou a 96% dos potenciais empresários e 100% dos empresários. No caso do telefone celular no domicílio, que no grupo dos produtores rurais chegou a 80%, em 2014, nos potenciais empresários e empresários, a proporção chegou a 95% e 99%, respectivamente. Celular para uso pessoal, que no grupo dos produtores rurais chegou a 58%, em 2014, nos potenciais empresários e empresários, esta proporção chegou a 86% e 96%, respectivamente. Além disso, a disponibilidade de telefone fixo no imóvel que, em 2014, foi de 11% no grupo dos produtores rurais, chegou a 36% e 65%, respectivamente, nos potenciais empresários e empresários.

2.12 – Recursos de informática

Entre 2001 e 2014, a proporção de produtores rurais com microcomputador no domicílio passou de 2% para 22% do total (gráfico 17). No mesmo período, a proporção de produtores rurais com microcomputador com internet passou de 1% para 16%, evolução mais forte do que a proporção dos que têm microcomputador sem internet, que passou de 1% para 6%. Observe-se que a disponibilidade de internet não implica o uso desta, já que, no mesmo período, a proporção dos que utilizaram internet “nos últimos três meses” passou de 1% para 12% (abaixo dos 16% que têm internet no domicílio).

Gráfico 17 – Evolução da proporção de produtores rurais com recursos de informática, apenas quem possui (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

A exemplo do que ocorre no caso da telefonia, aqui também se verifica uma evolução positiva do uso de recursos de informática no grupo dos produtores rurais. Porém, estes têm menos acesso aos recursos de informática do que os demais segmentos do público do Sebrae.

De acordo com Machado e Nantes (2008),¹⁴ o aumento da utilização dos recursos de informática pode causar impactos positivos também na agropecuária. Os autores citam como vantagens da sua aplicação na propriedade rural: a maior confiabilidade dos dados; a velocidade de informações; a facilidade de comunicação, dentro e fora da propriedade; a substituição da força de trabalho; e o aumento no controle das atividades, contribuindo para a redução da incerteza e dos riscos do negócio. O resultado tende a ser o aumento de competitividade e maior acesso aos mercados.

Tabela 4 – Uso de recursos de telefonia, apenas quem possui (2014)

	Empresários	Potenciais empresários	Produtores rurais
Possui microcomputador	82%	50%	22%
Tem microcomputador com internet	77%	43%	16%
Tem microcomputador sem internet	6%	7%	6%
Utilizou internet nos últimos três meses	79%	46%	12%

Fonte: Pnad 2014/IBGE.

14 MACHADO, J. G. C. F.; NANTES, J. F. D. Tecnologia de informação em organizações rurais. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 38, n. 10, out. 2008.

Como exposto na tabela 4, em 2014, 22% dos produtores rurais possuíam microcomputador no domicílio, proporção que chegou a 50% nos domicílios dos potenciais empresários e 82% dos empresários. A internet no domicílio chegou respectivamente em 16%, 43% e 77% e a proporção dos que utilizaram internet nos últimos três meses chegou a 12%, 46% e 79%, respectivamente.

Tanto no caso dos recursos de telefonia quanto de informática, o menor grau de utilização destes recursos pelos produtores rurais parece estar intimamente relacionado ao menor grau de escolaridade e renda deste segmento, quando comparado aos empresários e potenciais empresários.

2.13 – Previdência Social

Entre 2001 e 2014, a proporção dos produtores rurais que contribuiu para algum tipo de Previdência cresceu de 7% para 22% do total (gráfico 18). No mesmo período, especificamente aqueles que contribuíam para Previdência Privada manteve-se estável, em torno de 1%.

Comparativamente, em 2014, a proporção dos produtores rurais que contribuía para algum tipo de Previdência (22%) era ligeiramente superior à encontrada nos potenciais empresários (19%), mas bem inferior à encontrada no segmento dos empresários (75%). Tradicionalmente a proporção de contribuintes à Previdência no campo é mais baixa do que nas cidades.¹⁵ Não obstante isso, nos últimos anos, os produtores rurais atingiram níveis equivalentes aos dos potenciais empresários (segmento típico urbano).

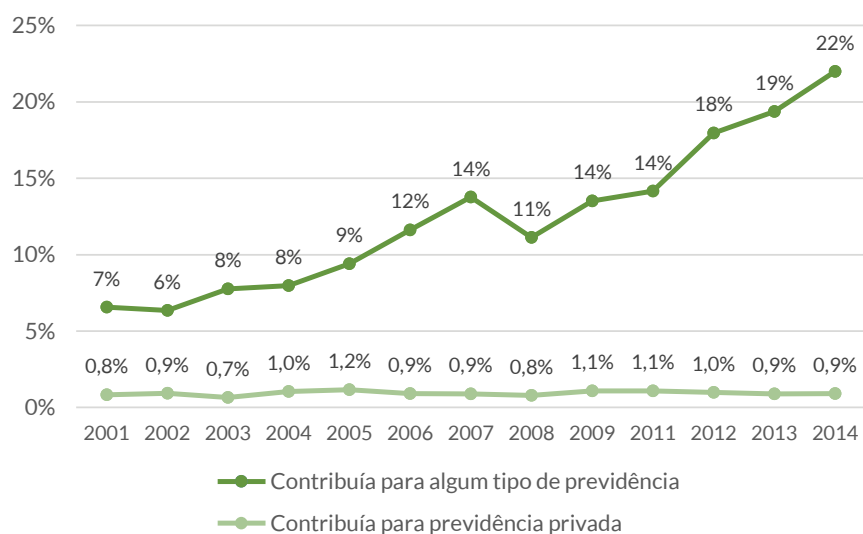
De acordo com Brumer (2002), a inclusão dos trabalhadores rurais na Previdência Social, com destaque para os trabalhadores familiares, foi tardia em relação a outras categorias de trabalhadores. Ainda segundo a autora, o aumento dessa participação está associado à criação de uma série de leis específicas para o segmento que permitiram avançar no sentido da ampliação da cobertura social dos trabalhadores rurais, sejam eles assalariados ou autônomos, aproximando-os, em termos de direitos sociais, dos trabalhadores urbanos.¹⁶

Por outro lado, no caso da contribuição à Previdência Privada, o segmento de produtores rurais continua apresentando a proporção mais baixa: apenas 1% contribui para Previdência Privada, contra 2% no caso dos potenciais empresários e 9% dos empresários.

15 Segundo o IBGE (Phad de 2014), em 2014, 68% das pessoas ocupadas em atividades tipicamente urbanas contribuíam para a Previdência (contra 22% no caso dos produtores rurais).

16 BRUMER, A. Previdência Social rural e gênero. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 50-81, jan.-jun. 2002.

Gráfico 18 – Evolução da proporção de produtores rurais que contribui para a Previdência, apenas quem contribui (2001 a 2014)

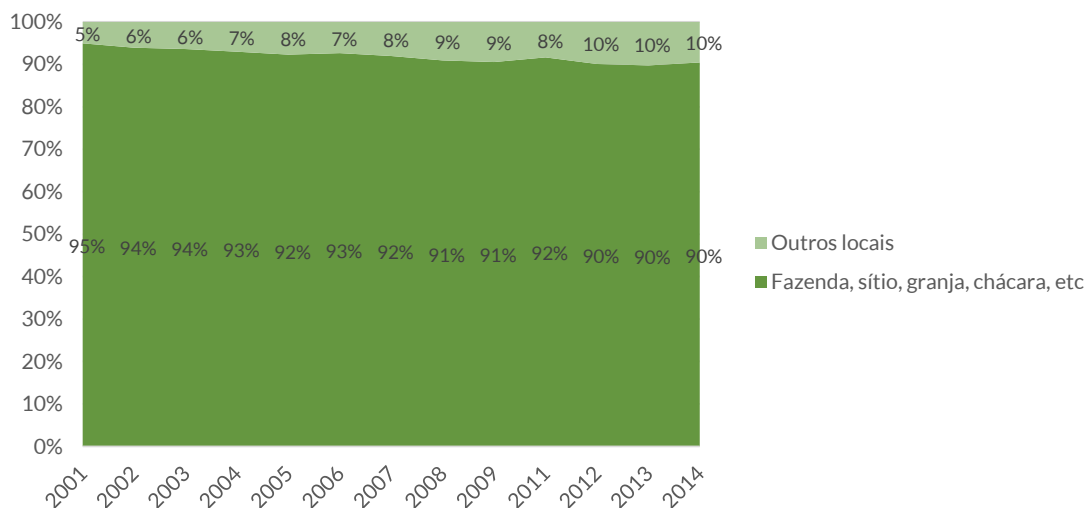


Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

2.14 – Local de trabalho

Como exposto no gráfico 19, a esmagadora maioria dos produtores rurais trabalha em estabelecimentos rurais, tais como fazendas, sítios, granjas e chácaras. Entre 2001 e 2014, no entanto, a proporção dos que trabalhavam em estabelecimentos rurais caiu de 95% para 90%. Especificamente em 2014, 90% trabalhavam em estabelecimentos rurais, 2,5% em local designado pelo cliente, 2,3% em área pública, 1,9% em veículo automotor e 2,3% em outros locais (loja, oficina, fábrica, escritório, domicílio etc.).

Gráfico 19 – Evolução da distribuição dos produtores rurais por local de trabalho (2001 a 2014)



Fonte: Pnad 2001 a 2014/IBGE, exceto 2010.

2.15 – Segmentos de atividade

Os 4,5 milhões de produtores rurais estão assim distribuídos, em termos de segmento de atividades (tabela 5): 18% trabalham com pecuária bovina, 13% na cultura de mandioca, 11% com milho, 6% com hortifrutigranjeiros, 6% com pesca, 6% com produção mista (lavoura/pecuária), 5% com serviços agropecuários, 5% com capim, tubérculos e grãos, 5% com café, 4% com criação de aves e 20% com outros segmentos de atividade.

Vale observar que os quatro primeiros segmentos (gado bovino, mandioca, milho e hortifrutigranjeiros), que envolvem 48% dos produtores rurais, são atividades que, em grande parte, tendem a ser intensivas em mão de obra (com baixo grau de mecanização), com baixa escala de produção, tecnologia pouco sofisticada e com uma estrutura de produção de natureza familiar, próxima à agricultura familiar.

Tabela 5 – Produtores rurais: principais segmentos de atividade, em número de pessoas e %, na agropecuária e pesca (2014)

Agropecuária e pesca	Pessoas	(%)
Gado bovino	822.616	18
Mandioca	580.042	13
Milho	481.727	11
Hortifrutigranjeiros	280.190	6
Pesca	278.775	6
Produção mista (lavoura/pecuária)	278.386	6
Serviços agropecuários	244.333	5
Capim, tubérculos e grãos	243.547	5
Café	202.627	5
Criação de aves	164.964	4
Outros	900.266	20
Total	4.477.473	100

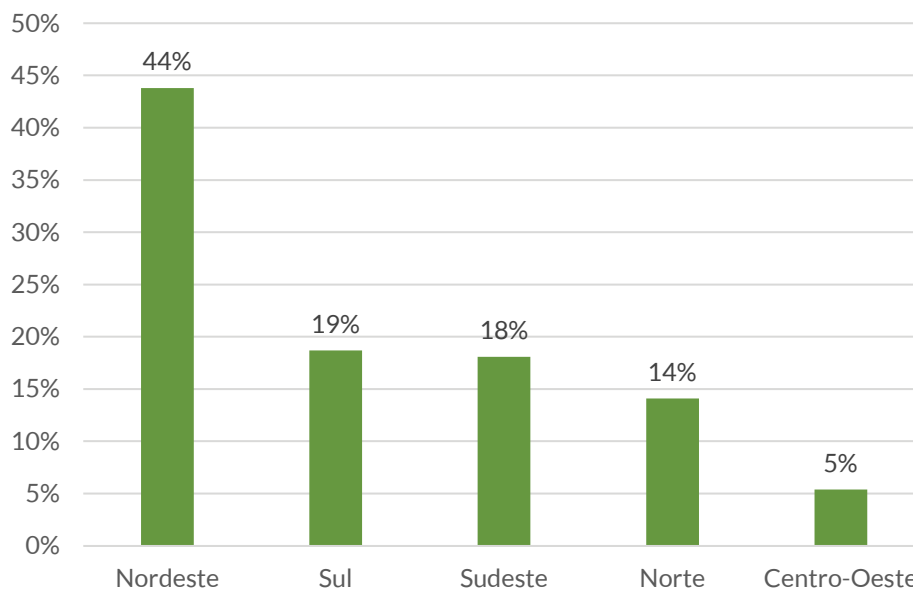
Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Obs.: "Gado bovino" inclui criação de boi/vaca para corte, para produção de leite e sêmen; a Pnad considera apenas a principal atividade agropecuária do empreendimento no qual está ocupado o produtor rural, mesmo que ali sejam realizadas várias atividades agropecuárias.

2.16 – Distribuição por regiões e UF

Os 4,5 milhões de produtores rurais estão distribuídos da seguinte forma: 44% no Nordeste, 19% no Sul, 18% no Sudeste, 14% no Norte e 5% no Centro-Oeste (gráfico 20). Esta distribuição parece estar relacionada ao número de municípios de cada região.

Gráfico 20 – Distribuição dos produtores rurais por região (2014)



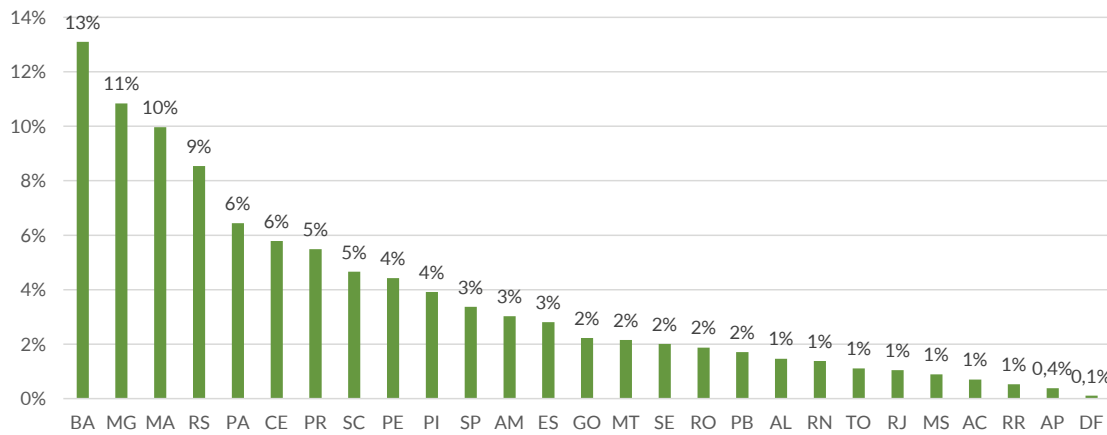
Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Aparentemente, a maior concentração de produtores rurais no Nordeste está associada à estrutura fundiária da região, muito fragmentada em um grande número de municípios no interior. O Nordeste é a região com maior número de municípios. A região detém, sozinha, 32% dos 5.570 municípios existentes no Brasil. Já o Sul, com apenas três estados, possui 21% dos municípios do país.

Das dez UF com maior número de produtores rurais, oito estão nas regiões Nordeste e Sul (gráfico 21). São destaques também, com elevado número de municípios, os estados de Minas Gerais, do Pará e de São Paulo.

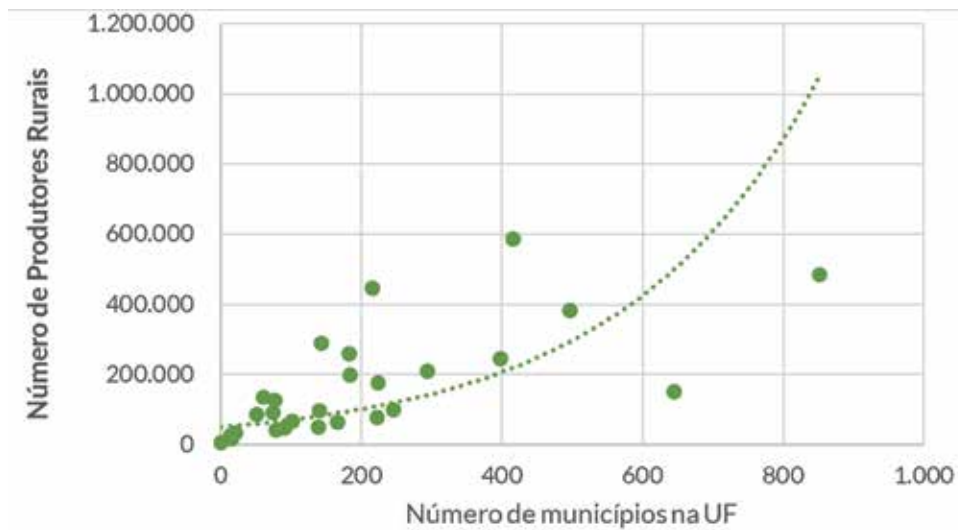
O gráfico 22 e a tabela 6 mostram o elevado grau de associação entre o número de municípios e o de produtores rurais.

Gráfico 21 – Produtores rurais: distribuição por UF (2014)



Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Gráfico 22 – UF: número de municípios e de produtores rurais (2014)



Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Tabela 6 – UF: número de produtores rurais e municípios (2014)

UF	Número de municípios	Produtores rurais	Produtores rurais (%)
MG	853	485.308	11
SP	645	150.961	3
RS	497	382.197	9
BA	417	586.407	13
PR	399	245.687	5
SC	295	208.646	5
GO	246	99.798	2
PI	224	175.452	4
PB	223	76.604	2
MA	217	446.179	10
PE	185	198.360	4
CE	184	259.179	6
RN	167	62.070	1
PA	144	288.639	6
MT	141	96.398	2
TO	139	49.750	1
AL	102	65.811	1
RJ	92	47.130	1
MS	79	40.027	1
ES	78	125.768	3
SE	75	90.001	2
AM	62	135.433	3
RO	52	84.149	2
AC	22	31.583	1
AP	16	17.293	0
RR	15	23.763	1
DF	1	4.880	0
Total	5.570	4.477.473	100

Fonte: Pnad 2014/IBGE.

Obs.: Para efeito de simplificação, o Distrito Federal foi considerado como um único município.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste relatório foi analisar a evolução do perfil dos produtores rurais existentes no país, no período entre 2001 e 2014. O trabalho foi realizado a partir do processamento dos microdados de todas as Pnad do IBGE realizadas neste período.

Verifica-se por aquela base de dados que, no Brasil, entre 2001 e 2014, houve uma queda de 4% dos produtores rurais, número que passou de 4,7 milhões para 4,5 milhões (queda de quase 200 mil indivíduos nesta categoria).

Nesse período de 14 anos, dentro desse segmento, houve uma queda da participação relativa dos empregadores, concomitantemente ao aumento da participação de conta própria. Também caiu a participação relativa dos chefes de domicílio (na posição dentro do domicílio), com o aumento da participação de cônjuges e filhos. Aumentou a participação das mulheres, embora estas ainda sejam minoritárias dentro deste segmento. Aumentou a escolaridade média dos produtores rurais, embora este segmento continue sendo o com os níveis de escolaridade mais baixos, quando comparados aos demais segmentos do público do Sebrae.

Nesses 14 anos, em média, os produtores rurais ficaram um ano mais velhos, aumentaram quase dois anos no número médio de anos de estudo, tiveram uma expansão de 44% no rendimento médio mensal (acima da inflação), reduziram em 11% a carga horária de trabalho semanal, começaram a trabalhar um ano mais tarde, aumentaram expressivamente a proporção dos que utilizam recursos de telefonia móvel, aumentaram o uso de recursos de informática (embora continue sendo o segmento de clientes do Sebrae menos informatizado), e aumentaram o acesso à Previdência Social (embora o segmento ainda apresente uma proporção relativamente baixa de pessoas com acesso a esse sistema). Apesar dos avanços, o segmento continua sendo o que apresenta o perfil mais simples, se comparado aos demais segmentos do público do Sebrae. Os produtores rurais continuam atuando predominantemente em atividades intensivas em mão de obra, tecnologias muito simples e em condições de trabalho com maior precariedade. Nordeste e Sul são as regiões em que estão quase 2/3 dos produtores rurais, com destaque para os estados com maior número de municípios.

Especificamente em 2014, dos 4,5 milhões de produtores rurais existentes no país, 94% trabalhavam como conta própria (sem empregados), 90% trabalhavam em estabelecimentos rurais, 85% eram homens, 72% eram chefes de domicílio, 53% estavam no Nordeste ou no Sul do país, tinham em média 48,2 anos de idade, começaram a trabalhar com 11,2 anos, estavam trabalhando na atividade atual há 20,6 anos, trabalham 38,1 horas por semana, 25% tinham pelo menos o Ensino Médio completo, 21% recebiam 2 S.M. ou mais, 81% tinham celular ou telefone fixo no domicílio (mas só 58% utilizavam celular pessoal), 22% tinham microcomputador no domicílio (mas só 12% acessaram a internet nos últimos três meses) e 22% contribuía para algum tipo de Previdência Social. Gado bovino, mandioca, milho e hortifrutigranjeiros continuavam sendo os segmentos com maior número de produtores rurais no país.





*Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas*

*www.sebrae.com.br
0800 570 0800*